

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS

PALOMA LOPES DOS SANTOS

**AS VOGAIS NASAIS ANTES DE CONSOANTES ORAIS NA LÍNGUA INDÍGENA
BRASILEIRA YAATHE**

Delmiro Gouveia (AL)

2021

PALOMA LOPES DOS SANTOS

**AS VOGAIS NASAIS ANTES DE CONSOANTES ORAIS NA LÍNGUA INDÍGENA
BRASILEIRA YAATHE**

Trabalho de conclusão de Curso de Letras-Português, sob a orientação da professora Doutora Fábria Pereira da Silva, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português.

Delmiro Gouveia (AL)

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237v Santos, Paloma Lopes dos

As vogais nasais antes de consoantes orais na língua indígena brasileira Yaathe / Paloma Lopes dos Santos. – 2021.
42 f. : il.

Orientação: Fábيا Pereira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Linguística descritiva. 2. Língua indígena. 3. Yaathe. 4. Povo Funli-ô. 5. Vogais nasais. I. Silva, Fábيا Pereira da. II. Título.

CDU: 81'282

FOLHA DE APROVAÇÃO

PALOMA LOPES DOS SANTOS

AS VOGAIS NASAIS ANTES DE CONSOANTES ORAIS NA LÍNGUA INDÍGENA BRASILEIRA YAATHE

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras - Português, sob a orientação da Professora Doutora Fábيا Pereira da Silva, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em 27 de setembro de 2021.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 Fabia Pereira da Silva
Data: 02/10/2021 09:41:56-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Fábيا Fulni-ô - Orientadora

Documento assinado digitalmente
 Marcio Ferreira da Silva
Data: 02/10/2021 13:37:44-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Márcio Silva – curso de Letras (UFAL- Campus do Sertão)
Examinador Interno



Profa. Dra. Débora Massmann – curso de Letras (UFAL- Campus do Sertão)
Examinadora Interna

DELMIRO GOUVEIA (AL)
2021

DEDICATÓRIA

A meus pais, Risoleide e Paulo.
Se eu pudesse escolher, ainda seriam vocês.
Com todo meu amor e gratidão.

AGRADECIMENTO

Deus é o primeiro a quem devo agradecer, sem Ele nada posso. Ele sempre foi e sempre será minha rocha e fortaleza na angústia.

A meu pai, Paulo, que me ensinou que se eu quero algo, desistir não é uma opção. E a minha mãe, Risleide, que desde quando eu era apenas uma criança me ensina que só fazer não é o suficiente, mas dar o meu melhor é.

Um agradecimento especial a Matheus, meu irmão e Shawanny sua esposa, por todo apoio que me deram nesse tempo.

A Geovâneo, a surpresa que eu não esperava encontrar tão cedo. Obrigada, meu amor, por tudo. Te amo!

A Vanille e Edja, que nem sabiam quem eu era, e mesmo à distância, só sabendo meu nome, me aceitaram no grupo e não largaram mais a minha mão. A jornada na UFAL não teria sido divertida sem a presença de vocês.

A Jeferson, Adna e Viviane, companheiros no primeiro semestre que muito me ajudaram.

A todos meus colegas que de alguma maneira tornaram a caminhada mais doce, em especial a Ábida, Ataniel, Eudes, Jéssica, Joel, Karoline, Luana, Michely, Rakel, Randerson, Vinícius e Wedja.

A minha orientadora, professora doutora Fábria Fulni-ô, muito obrigada por me apresentar a fonética, fonologia e a linguística indígena, essas três coisas me fizeram olhar para o curso e minha profissão de uma maneira totalmente diferente.

E por fim, a todos os professores e professoras do curso, em particular a Cristian Sales, Ismar Inácio, Márcio Ferreira, Marcos Morais e Samuel Barbosa, o que vocês me ensinaram, espero levar por toda a vida.

RESUMO

Neste trabalho, o intuito é fazer a descrição do ambiente de realização de vogais nasais que precedem consoantes orais no Yaathe. Propõe-se então, observar quais vogais nasais são possíveis, em quais tipos de sílabas elas ocorrem e como o acento se comporta nestes ambientes. Os pressupostos teóricos deste trabalho englobam a Linguística Descritiva que propõe um estudo das línguas onde se faz a descrição e análise para compreender a organização gramatical da língua, assim como também temos um olhar da Linguística Funcional que busca compreender o funcionamento das realizações encontradas. Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizado a metodologia de pesquisa comumente utilizada em pesquisa de linguística descritiva que é a de coleta, transcrição, tratamento e elicitación dos dados que posteriormente foram usados para análise. O trabalho apresenta quatro capítulos. Nesses momentos procuramos então falar sobre a língua estuda e seu povo, trazemos também informações teóricas e metodológicas que deram apoio ao nosso trabalho. Também é feita a revisão sobre alguns pontos da fonética e fonologia do Yaathe. Por fim, é realizada a análise proposta descrevendo o ambiente em que as vogais nasais antes de consoantes orais se realizam. Para a revisão da língua Yaathe trouxemos pesquisadores como Costa (1999), Cabral (2009), Silva (2011), Silva (2016) e Dias (2017). Considerando os preceitos teóricos que embasam o nosso trabalho trouxemos Davenport e Hannahs (1998), Borba (2008), Hayes (2009), Bezerra e Reinaldo (2013) e Silva (2015).

Palavras-Chave: Língua Indígena; Yaathe; Fonética; Vogais nasais.

ABSTRACT

In this paper, the purpose is to make a description of the realization environment of nasal vowels that precede oral consonants in Yaathe. It is proposed, then, to observe which nasal vowels are possible, in which types of syllables they occur, and how the stress behaves in these environments. The theoretical precepts of this paper encompass the Linguistics description that proposes a study of languages in which the description and analysis are done to understand the grammatical organization of the language, there is also the involvement of the linguistic function that seeks to comprehend the functioning of the found realizations. To develop this work, the research methodology commonly used in linguistic description research was used, which is the collection, transcription, processing, and elicitation of data that were later used for analysis. This study presents four chapters. In these moments we talked about the studied language and its people, we also bring theoretical and methodological information which gave support to our study. It is also made a review about some points of Yaathe's phonetics and phonology. Last, the proposed analysis describing the environment in which the nasal vowels before oral consonants happen is made. To cover Yaathe, we brought researchers such as Costa (1999), Cabral (2009), Silva (2011), Silva (2016), and Dias (2017). Considering the theoretical precepts that support our work, we brought Davenport and Hannahs (1998), Borba (2008), Hayes (2009), Bezerra and Reinaldo (2013), and Silva (2015).

Keywords: Indigenous language; Yaathe; Phonetics; Nasal vowels.

LISTA DE SÍMBOLOS

- morfema

//: transcrição fonológica

[]: transcrição fonética

: alongamento de vogal

' acento principal

. fronteira de sílaba

→ realiza-se como

C: consoante

C₁: primeira consoante do *onset* complexo

C₂: segunda consoante do *onset* complexo

C₃: consoante na posição de coda

V: vogal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O povo Fulni-ô e sua língua, o Yaathe	11
1.2 A organização do trabalho.....	12
2 CONCEITOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	14
2.1 A fonética e a fonologia	14
2.1.1 Os sons consonantais.....	16
2.1.2 Os sons vocálicos.....	18
2.1.3 A sílaba	19
2.1.4 O acento	20
2.2 Aspectos metodológicos.....	21
3 A LÍNGUA YAATHE	23
3.1 Os fones e fonemas do Yaathe	23
3.2 A sílaba no Yaathe.....	28
3.3 O acento no Yaathe	29
3.4 A nasalização em Yaathe.....	31
4 AS VOGAIS NASAIS DIANTE DE CONSOANTES ORAIS	34
4.1 A realização das vogais nasais antes de consoantes orais.	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 O povo Fulni-ô e sua língua, o Yaathe

Os Fulni-ô são um povo indígena do nordeste brasileiro que vive no estado de Pernambuco junto da cidade de Águas Belas que é situada a cerca de 300km de Recife, capital do estado. Segundo Lapenda (1965), o nome Fulni-ô pode ser entendido como “aquele que tem rio, aquele que é do rio”. O autor aponta ainda que esse nome surgiu a partir do fato que os Fulni-ô moravam próximos do rio Ipanema.

A aldeia junto de Águas Belas é considerada a aldeia sede e segundo Silva (2016) há uma outra comunidade chamada Xixiakhla que é próxima da aldeia sede onde também moram indígenas Fulni-ô. Há também uma aldeia sagrada, chamada Ouricuri, que segundo Melo (1976) é um local sagrado para onde todo o povo Fulni-ô se retira durante três meses do ano por questões religiosas. A comunidade Fulni-ô não permite o acesso a determinadas questões sociais e religiosas a pessoas que não são da comunidade. Informações sobre essas questões são sempre rigidamente negadas a quem não pertence a comunidade, como forma de preservação por conta do processo colonizador agudamente violento que perdura até os dias de hoje.

O povo Fulni-ô foi, segundo Costa (1999), a primeira comunidade indígena do Nordeste brasileiro que teve seus direitos à terra e a sua identidade étnica reconhecida oficialmente pelo governo, e é também a única comunidade indígena do Nordeste¹ que conseguiu manter a sua língua viva. Como Lapenda (1965) pontua, eles são um povo bilíngue que utilizam tanto o Yaathe, essa sendo a língua materna da comunidade, quanto o Português brasileiro. Costa (1999) comenta que o bilinguismo na comunidade é do tipo diglósico estável e não apresenta sinais de deslocamento ou substituição por nenhuma outra língua, o uso do Yaathe é muito difundido na comunidade, nas famílias (SILVA, 2016, p, 1).

Silva (2016), ao falar sobre o Yaathe, comenta que a palavra, ao ser traduzida para o português significa “nossa fala”, sobre esse ponto, Costa (1999, p. 3) ainda adiciona que “O fato de a língua ter, para os índios Fulni-ô, uma função ritual muito importante, faz que a língua

¹ Quando falamos em Nordeste percebemos que politicamente o estado do Maranhão pertence ao Nordeste, mas que por questões climáticas, de desenvolvimento econômico e também por conta do ecossistema parte do estado do Maranhão foi considerado pertence a chamada Amazônia Legal, conceito esse que foi desenvolvido em 1953 e abrange 59% do território brasileiro, que procura um melhor desenvolvimento econômico da região. As comunidades indígenas que são do Maranhão e que ainda possuem sua língua materna estão na parte do Maranhão que está dentro do território da Amazônia Legal, de maneira que o Yaathe é considerado como a única língua indígena viva do Nordeste.

seja denominada por eles, também, Yaathelya = [yaa'tʰeʎa], de [ʎa] “marcador de posse” mais ['atʰe] “fala” mais [ʎa], marcador de *status*, significando “de respeito, sagrado”.

Sobre a origem das línguas, Rodrigues (2005) aponta, que a classificação científica delas é de uma natureza genética, ou seja, coloca-se uma língua na mesma classe que outra quando há evidências de que ambas partiram de uma mesma língua ancestral, assim, essas línguas provenientes da mesma língua ancestral são chamadas de *família linguística*. Quando, porém, essas evidências só podem ser explicadas por uma origem mais remota, ou seja, quando as propriedades não estão tão evidentes assim e precisa-se estudar mais profundamente o antepassado da língua para encontrar essa origem, a classe genética se chama *tronco linguístico*. Pensando sobre as línguas indígenas brasileiras Rodrigues (2005) aponta a existência de dois troncos um que ele aponta como um tronco mais estabelecido, o tronco tupi com 10 famílias linguísticas e um outro que o autor diz que possui um caráter mais hipotético, o tronco Macro-jê, abrangendo 12 famílias. Olhando para o Yaathe, Rodrigues (1986) aponta que o Yaathe é pertencente ao tronco Macro-jê mesmo que ela não tenha “relação direta atestada com nenhuma outra língua indígena brasileira conhecida.” (SILVA, 2016, p. 1)

1.2 A organização do trabalho

Ao analisar uma língua há várias nuances que se pode estudar, no presente trabalho, o objetivo é ao olhar para o Yaathe, estudar as realizações de vogais nasais antes de consoantes orais. O propósito é descrever e analisar essas realizações, isso ocorre, uma vez que o comum é a realização de vogais nasais diante de consoante nasal. Para isso, atentamos para questões relacionadas aos sons, a sílaba e também o acento, com o intuito de assim trazer contribuições aos trabalhos feitos de descrição da referida língua.

Para alcançarmos tal objetivo organizamos o nosso trabalho em 4 capítulos, temos assim mais três, fora o presente que é o capítulo introdutório.

No Capítulo 02, intitulado “*Conceitos teóricos e metodológicos que embasam o trabalho*”, trazemos conceitos que se voltam para a teoria da fonética e a fonologia, considerando que nosso trabalho se volta para este caminho da análise linguística. O propósito é justamente entender o que é fonética e fonologia trazendo também conceitos necessários dessas áreas para a compreensão dos nossos pontos de análise. Depois de apresentados esses conceitos teóricos, falamos sobre a metodologia que utilizamos para o desenvolvimento do nosso estudo.

No Capítulo 3, “*A língua Yaathe*”, pegamos os pontos de estudo propostos no segundo capítulo – vogais, consoantes, nasalização, sílaba e acento - e os trazemos no Yaathe, ou seja, utilizamos alguns autores que nos últimos anos fizeram trabalhos com a língua e realizamos assim uma revisão bibliográfica fonética e fonológica da língua, estes foram os dados escolhidos pois em nossa análise utilizaremos esses pontos para ver o ambiente de realização do nosso recorte.

Já o Capítulo 4, “*A realização de vogais nasais antes de consoantes orais*”, se trata do nosso capítulo de análise. Utilizando todo o apoio bibliográfico da revisão feita sobre a fonética e fonologia do Yaathe no capítulo anterior, juntamente como o apoio teórico linguístico geral e estudos feitos por outros pesquisadores, analisamos as vogais nasais antes de consoantes orais, descrevendo assim como essa realização ocorre, verificando quais os sons vocálicos nasais que ocorrem na língua, o padrão silábico e por fim, o comportamento de acentuação ao redor dessas realizações.

2 CONCEITOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 A fonética e a fonologia

A análise linguística tem como propósito decompor uma língua para que se possa compreender o funcionamento dela, ou seja, o intuito da análise, nessa perspectiva, é estudar a língua, através de sua descrição para que se possa compreender a sua estrutura, seu funcionamento (BORBA, 2008). Têm-se então estudos que, segundo Bezerra e Reinaldo (2013), não procuram dizer como o funcionamento das línguas devem ser, mas sim, descrever como essas línguas funcionam. As autoras apontam ainda que é através das teorias linguísticas que conseguimos suporte para a descrição das línguas naturais alcançando os aspectos estruturais, cognitivos, funcionais e pragmáticos, opondo-se assim aos estudos gramáticos normativos.

Bezerra e Reinaldo (2013) apontam que uma das tendências que ligamos as questões de análise linguísticas é

o ato de descrever e explicar ou interpretar aspectos da língua, fazer inerente a todo teórico da linguagem, ou seja, trata-se de fazer o próprio estudo científico da língua, a respeito de suas diversas unidades (o fonema, o morfema, a palavra, o sintagma, a frase, o texto, e o discurso) e se desenvolve com base em estudos descritivos de diversas tendências teóricas, desde o estruturalismo até tendências funcionalistas atuais, passando por teorias gerativistas, semânticas e textual-interativas, por exemplo. (BEZERRA E REINALDO, 2013, p. 21)

Ao fazer a análise linguística podemos alcançar vários níveis da língua, como já mencionados, sendo que cada um desses níveis nos trará informações específicas sobre o funcionamento da língua. O nível linguístico que nos interessa neste nosso trabalho é o que investiga os sons da fala. Hayes (2009) comenta que a linguística tem dois campos de estudos que focalizam esses sons, sendo eles a fonética e a fonologia.

A fonética e a fonologia, segundo Davenport e Hannahs (1998) é o campo da linguística que lida com questões referentes aos sons produzidos pelos seres humanos durante a execução da fala. Somente esses sons produzidos durante a fala são do interesse da fonética e fonologia, de modo que outros sons dos quais somos capazes de produzir, mas que não estão relacionados à fala, não é de interesse dessa área.

Apesar que tanto a fonética e a fonologia trabalham com os sons da fala, cada um vai olhar para o objeto de estudo de um modo diferente, comentando sobre essas questões, Davenport e Hannahs (1998) afirmam que:

a fonética lida com os próprios sons da fala, como eles são produzidos (fonética articulatória), como eles são percebidos (fonética auditiva) e a física envolvida (fonética acústica). A fonologia lida como esses sons da fala são organizados em sistemas para cada língua; por exemplo: como os sons podem ser combinados, as relações entre eles e como eles afetam uns aos outros. (DAVENPORT E HANNAHS, 1998, p. 3. tradução nossa).

Percebemos assim, que a fonética se interessa por todos os sons que são produzidos na fala, sem se importar com o valor do som, como eles relacionam-se uns com os outros, etc. A fonética quer então, perceber quais são os sons encontrados na língua, podendo assim identificar os sons existentes na língua em estudo e suas variações, ou seja, os estudos dos fones, que segundo Silva (2015) são “os segmentos vocálicos e consonantais encontrados na transcrição fonética” (p. 135) de uma língua. Enquanto que essas questões sobre o valor dos sons são de interesse da fonologia.

A fonologia então, como Hayes (2009) aponta, não lida diretamente com a natureza de produção, percepção sonora, mas sim, volta-se para observar as regras que existem na mente/cérebro sobre os padrões sonoros da língua que o indivíduo fala. Dessa maneira a fonologia propõem-se a analisar sobre a sequência e distribuição dos sons, com a caracterização da variação sonora encontrada na fala, para que se possa chegar à definição da padronização no sentido de sistematização sonora da língua estudada.

Mori (2008) aponta que essa diferença entre a fonética e a fonologia foi estabelecida oficialmente no Primeiro Congresso Internacional de Linguística que aconteceu em Haia em 1928. Após esse congresso, por conta da ajuda dos trabalhos de três linguistas russos: Roan Jakobson, Nicolai Trubetzkoy e Serge Karcevsky ficou consolidado que a fonética se ocupa dos sons da fala, e a fonologia se preocupa com os sons da língua.

Essa separação entre fonética se ocupando com os sons da fala e a fonologia com os sons da língua é possível porque também foi feita uma separação entre língua e fala. Mori (2008), baseando-se nos estudos saussurianos comenta que a fala é tida como uma realização individual que “representa uma realização concreta da língua num momento e lugar determinados” (p. 147) enquanto que “a língua é o produto social, presente na totalidade dos membros de uma comunidade linguística” (MORI, 2008, P. 147). Sobre a língua e a fala Saussure (2012 [1916]) aponta que a língua é um sistema que existe na coletividade, algo que o indivíduo aprende

passivamente através do contato com os outros indivíduos, e a fala é algo realizado individualmente onde “o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45). Vinculamo-nos a esta perspectiva teórica chamada de estruturalista para inicialmente nos guiar e dar suporte em nosso estudo/análise, pois são os preceitos estruturalistas que dão início à um estudo sincrônico das línguas, com o intuito de descrever o funcionamento das línguas naturais, assim como também foi com a advento do estruturalismo que veio uma outra perspectiva que também nos filiamos que é o funcionalismo, pois procuramos ver a relação que há entre a estrutura encontrada e a sua função, temos assim, uma pesquisa funcionalista estruturalista onde “as expressões linguísticas são descritas a partir das oposições e contrastes que se podem estabelecer entre elas, entendendo-se função como as relações estruturais entre signos” (CASTILHO, 2012, p. 18).

Foi então, a partir dessa diferença proposta pelo estruturalismo, que temos a fonética, que Cagliari, e Cagliari (2008) define como uma ciência descritiva, ou seja, uma ciência que observa os sons da fala com o propósito de os descrever, que se baseia na produção, percepção e transmissão dos sons da fala e temos também a fonologia que é tida como uma ciência explicativa, interpretativa, que busca nos sons o seu valor, ou seja, a sua função linguística. Hayes (2009) aponta também que a fonologia é por vezes, uma ciência experimental, mesmo que ela possua uma teorização e passe por um processo de análise formal.

Precisamos dessas duas visões para desenvolver essa pesquisa, pois, como Hayes (2009) aponta, os dados pelos quais podemos fazer a análise fonológica são dados fonéticos, necessita-se então que anteriormente à análise fonológica, realize-se uma análise fonética. O autor chega até comentar que ao começar a estudar sobre os conceitos de fonética e fonologia seria preferível que os estudantes iniciassem pela fonética.

Das áreas da fonética citadas anteriormente, nos ligaremos aqui à fonética articulatória, já que é importante compreender como os sons são produzidos para o nosso estudo, de maneira que não entraremos nas áreas da fonética acústica e nem na fonética auditiva. Isso acontece porque alguns sons em específicos estão em destaque nessa pesquisa, e precisaremos compreender como eles são produzidos e suas especificidades.

2.1.1 Os sons consonantais

Silva (2015), ao falar sobre a fala humana, aponta que os sons da fala são produzidos com o que chamamos de aparelho fonador, esse aparelho é composto pelo sistema articulatório, sistema fonatório e o sistema respiratório. Esses três sistemas do corpo humano, que possuem

tarefas primárias não conectadas com a fala, trabalham em conjunto de modo que possibilitam ao ser humano falar. Muitos são sons que conseguimos produzir, mas são os sons da fala, entre eles, temos as consoantes e as vogais, que iremos evidenciar aqui.

Davenport e Hannahs (1998) apontam que os maiores aspectos da produção dos sons da fala são: o mecanismo da direção do ar, o estado das pregas vocais, o estado a úvula, e o local e a maneira de articulação. Daremos atenção a esses pontos nesse capítulo pela sua importância de quando olhamos para os aspectos físicos da produção da fala, para compreender melhor como são produzidos os sons que estão em destaque nesta pesquisa.

Como mencionamos anteriormente, ao estudar a fala humana, conseguimos encontrar dois tipos de sons: as vogais e as consoantes. Aqui começaremos pelos sons consonantais.

Tendo em mente que “os pulmões e os músculos respiratórios produzem um nível bastante constante de pressão do ar, que potencializa a criação do som” (HAYES, 2009, p.2, tradução nossa), podemos chamar de sons consonantais aqueles que na sua produção possuem algum tipo de obstrução da passagem do ar (SILVA, 2015), esse é o primeiro ponto para identificar qual seria um som consonantal, mas não o único, alguns outros parâmetros também são necessários para a classificação dos sons consonantais, e como Davenport e Hannahs (1998) apontam, é necessário olhar todos esses mecanismos que acontecem para que se possa descrever e classificar esses sons.

Portanto, para descrever e classificar as consoantes é necessário também observar, segundo Silva (2015) o mecanismo e a direção da passagem do ar, podendo ela ser pulmonar, glotal ou velar, e quanto ao mecanismo, podendo ser se ele ingressivo ou egressivo no quesito direção da passagem do ar. Devemos observar também o estado da glote, a posição do véu palatino, os articuladores envolvidos na produção do som e o modo de obstrução da passagem do ar.

Têm-se que observar todas essas questões pois, como Silva (2015) explica, ao observar o estado da glote conseguimos dizer se o som consonantal é vozeado ou desvozeado. Essas questões dependem de como as pregas vocais se encontram na produção do som – se as pregas estiverem próximas uma da outra, com a passagem do ar ocorrerá uma vibração que classificará então o som como vozeado, porém se elas estiverem separadas, não possibilitando assim uma vibração das pregas vocais, o som é classificado como desvozeado.

Devemos verificar também a posição do véu palatino, que será responsável pelos sons nasais que ocorrem quando o véu palatino está abaixado permitindo a passagem do ar tanto pelo trato oral quanto pelo trato nasal, e os sons orais que se sucedem quando o ar passa somente pelo trato oral, para tanto o véu palatino deve estar levantado.

Observa-se também os articuladores envolvidos na produção do som, onde teremos o articulador passivo, que é imóvel nesse processo, e o ativo que tem a característica de movimentar-se durante a produção da fala indo ao encontro do articulador passivo, nos dando assim o ponto de articulação do som, e por último deve-se pôr em destaque a observação do modo de obstrução da passagem do ar.

Para a nossa pesquisa, em relação às consoantes nos interessamos pelos sons consonantais orais, de maneira que os consonantais nasais não serão o nosso ponto de análise, mesmo analisando sons vocálicos nasais, o que geralmente ocorre por meio de uma consoante nasal. No capítulo 2, no qual falaremos sobre questões específicas da fonética e fonologia do Yaathe, especificaremos quais os sons consonantais orais e nasais foram encontrados na língua, entre outras especificações.

2.1.2 Os sons vocálicos

Agora, quanto a produção dos sons vocálicos os parâmetros para o reconhecimento delas são diferentes, Davenport e Hannahs (1998) apontam que na produção desses sons os articuladores envolvidos estão a uma distância um do outro que permite a passagem do ar sem que aja algum tipo de obstrução, os pesquisadores apontam também que os sons vocálicos são produzidos em uma área menor, se estendendo da região palatal até a região velar, enquanto que os sons consonantais compreendem uma área mais extensa, e por último as vogais são também sempre vozeadas, Cagliari, e Cagliari (2008, p. 127) sobre essa questão comentam que “as vogais são os sons vozeados por excelência”, têm-se assim que todos aqueles parâmetros antes úteis a classificação das consoantes, são inapropriados para as vogais. Isto posto, Davenport e Hannahs (1998) apontam que para a classificação das vogais devemos observar três quesitos.

O primeiro ponto, sendo a altura da língua na produção do som, segundo os autores quando se pensa nas vogais, a língua pode alcançar uma altura alta, média e baixa, podendo haver também a classificação de uma altura média alta e média baixa.

Outra classificação que devemos atentar-nos é a posição da língua no plano horizontal, ou seja, a anterioridade ou posterioridade da língua. Onde temos uma posição anterior, central e posterior, sendo que a posição anterior se refere a uma parte mais frontal na boca, correspondendo à região palatal, e a posterior sendo mais à parte de trás, ou seja, a região velar do trato vocal.

A terceira classificação que Davenport e Hannahs (1998) apresentam é em relação ao arredondamento dos lábios, sendo que os sons vocálicos podem ser produzidos com os lábios arredondados ou não. Sobre essas três classificações os autores comentam que o arredondamento dos lábios é a mais fácil de identificar, enquanto que as outras duas – altura da língua, e anterioridade e posterioridade da língua são mais complicadas de diferenciar sem a ajuda de equipamentos específicos.

Há algumas outras classificações que podem ser feitas em relação as vogais, sendo elas em relação à tonicidade da vogal, a duração, onde para marcar as vogais curtas, numa descrição fonética, somente colocamos o símbolo do som entre [], por exemplo [i], e quando a vogal é longa marcamos com o diacrítico [i:]. Porém, a classificação de maior importância para o nosso trabalho, em relação às vogais, é em questão a posição do véu palatino na produção do som vocálico. Diferentemente da nossa priorização dos sons consonantais orais no Yaathe, quando evidenciarmos as vogais, nos voltaremos para os sons vocálicos nasais.

Já vimos que as consoantes podem ser nasais quando o véu palatino abaixa-se permitindo a passagem do ar pelo trato oral e nasal, esse movimento pode acontecer também com as vogais. Assim, as vogais que são produzidas com o véu palatino abaixado resultam no que chamamos de vogais nasais, para marcar a nasalidade da vogal utilizamos o símbolo ~, por exemplo [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ].

Precisamos distinguir também as vogais nasais, das vogais nasalizadas. As vogais nasalizadas são aquelas que assimilam o grau de nasalidade da consoante que a segue, ou seja, caso após a vogal tenhamos as consoantes [m], [n], [ɲ] ou algum outro som nasal, a vogal pode assimilar essa característica das consoantes, enquanto que as vogais nasais são nasais independentemente do som que a segue, é por isso que nessa pesquisa não nos voltaremos para o encontro de uma vogal precedida de uma consoante nasal. Para este trabalho nos interessa as vogais nasais que são precedidas de consoantes orais.

2.1.3 A sílaba

Ao pensarmos na sílaba aqui, trazemos Silva (2015) que descrevendo uma noção de sílaba proposta por Stetson (1951) fala que a sílaba é olhada inicialmente a partir da do mecanismo de corrente de ar pulmonar. Isso se dar porque a produção da fala como vimos, precisa da corrente de ar pulmonar para ser realizada, entretanto essa corrente de ar não é algo constante e regular, na verdade temos movimentos de contração e relaxamento muscular, expelindo assim pequenos jatos de ar dos pulmões. Nessa perspectiva então cada um desses jatos de ar são sílabas, “a

sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força” (SILVA, 2015, p. 76).

É através dessa ideia, de uma força muscular que iniciasse, atinge seu pico e depois reduz que temos a noção das três partes de uma sílaba. Hayes (2009) aponta que a sílaba é constituída de três partes o onset, o núcleo e a coda. O onset é a primeira parte da sílaba que é constituído de uma consoante ou segmentos consonantais, ele vem no início da sílaba. O segundo ponto é o núcleo que é formado por um som vocálico e é único elemento que é obrigatório da sílaba, como o autor aponta é muito comum que a sílaba não tenha o onset ou a coda, mas a sílaba é indispensável. E o último elemento da sílaba é o coda, que também é formado por uma consoante ou sequência de consoantes, porém esse elemento vem ao final da sílaba. Para descrever uma sílaba existe alguns modelos como o modelo em árvore, ou colchetes, mas utilizaremos um que é utilizado no Alfabeto Fonético Internacional que é a utilização de um ponto para marcar a fronteira de sílaba, como em ['si.la.bə].

2.1.4 O acento

Para falar sobre a tonicidade também é necessário observar a corrente de ar, pois biologicamente falando a sílaba tônica, ou o acento da palavra como também é chamado, é feito com um pulso torácico reforçado (SILVA, 2015). Observando, a vogal será acentuada audivelmente, sendo assim ela é pronunciada de maneira mais alta, assim como também terá uma duração mais longa do que as das outras sílabas, “vogais acentuadas ou tônicas carregam o acento mais forte ou acento primário e as vogais não-acentuadas - átonas pretônicas ou postônicas - carregam acento secundário ou são completamente isentas de acento.” (SILVA, 2015, p. 77).

Hayes (2009) aponta que na maioria das línguas, cada palavra teria pelo menos um ponto de tonicidade. É pensando nesse sentido que ele traz o *principle of culminativity*². Nesse princípio cada palavra culminaria em uma sílaba tônica principal. Sendo que esse ponto principal de tonicidade pode ocorrer em qualquer uma das sílabas das palavras, a regra geral seria apenas que todas as palavras teriam esse ponto de tonicidade.

Ele aponta, entretanto, que há exceções, como exemplo, vemos em palavras gramaticais como pronomes, artigos, verbos auxiliares, preposições que não são tônicos. O autor aponta

² Princípio de culminatividade (tradução nossa).

que isso acontece porque normalmente elas aparecem em um contexto que apresenta palavras acentuadas, de uma maneira que essa palavra não acentuada se apoiaria então na palavra acentuada.

2.2 Aspectos metodológicos

A realização deste trabalho iniciou-se com a criação do GELIND - Grupo de Estudos em Línguas Indígenas, este é um Grupo de pesquisa criado pela professora Dr^a Fábيا Pereira da Silva na Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. O intuito do grupo era inserir os estudantes em estudos com as línguas indígenas, com destaque no Yaathe, pois é a língua de indígenas que estão em uma localidade próxima ao Campus mencionado.

A constituição dele foi feita com a metodologia que normalmente é utilizada em pesquisa da linguística descritiva, que é a de coleta, transcrição, tratamento e elicitação dos dados, sendo assim, o trabalho iniciou-se com a coleta de dados *in loco* entre os dias 27 e 28 de abril de 2018. Para a elicitação dos dados trabalhamos com lista de palavras, e eles foram gravados em uma visita para coleta de dados de áudio, com a ajuda de quatro informantes. Os quatro informantes são indígenas Fulni-ô que nasceram, foram criados e ainda hoje utilizam sua língua materna diariamente. O Informante 1 se trata de um homem adulto, enquanto que as informantes 2, 3 e 4 são mulheres adultas, todos na faixa etária entre 40 à 50 anos.

A gravação dos dados foi feita em um local com o mínimo de barulho possível para que tivéssemos uma qualidade boa do áudio para a transcrição e contou com um microfone do tipo *headset* DPA Headband 4066 e também com um gravador digital de *flash* Marantz PMD661 que são apropriados pra esse tipo de pesquisa. Durante a coleta dos dados também foi feita a gravação de vídeo utilizando uma filmadora *Digital Sony Handycam* HDR-PJ10, em full-HD, sendo de uma altíssima qualidade. Depois de gravados, os dados foram armazenados no meu computador pessoal, sendo ele um *Lenovo* G40-70, *modelo* 80GA, em uma repartição criada unicamente para o armazenamento de dados importantes que não podem ser perdidos.

Antes de tudo foi pedida a permissão para que fizéssemos a coleta e também o uso desses dados para estudos acadêmicos, é preciso também mencionar que a visita à aldeia e a coleta dos dados seguiu todos os preceitos éticos destacados por Miguel Oliveira Jr, Januacele Costa e Fábيا Fulni-ô (2014), preceitos estes que são indispensáveis neste tipo de pesquisa.

Os nossos dados são de duas fontes, a primeira sendo a coleta feita na viagem de campo. Esta foi obtida através de fala elicitada, onde tínhamos uma lista de palavras e frases. Porém a

quantidade de dados coletados nesta visita não foi suficiente para tudo que precisamos aqui, pois além dos dados para nossa análise traremos outros exemplos para mostrar algumas realizações fonéticas e fonológicas no Capítulo 3, onde falamos da língua Yaathe. Por isso, fora estes dados coletados na visita mencionada, traremos também dados expostos nos trabalhos de Costa (1999), Cabral (2009), Silva (2011), Silva (2016) e Dias (2017).

Para a transcrição dos dados utilizamos o programa *Praat*, versão 6.1.12, que é um programa utilizado para transcrição de dados de áudio, é feita a utilização desse programa pois é um programa que propicia uma segmentação mais detalhada dos níveis dos sons o que ajuda com destreza na identificação de alguns detalhes acústicos dos sons. A transcrição também foi feita utilizando o sistema de transcrição IPA³, sistema este que foi criado pelo *Summer Institute of Linguistics*.

De acordo com informações deixadas pelos pesquisadores já mencionados, os dados apresentados por eles que utilizaremos aqui, assim como os nossos, foram gravados pelos mesmos aparelhos, pois para a nossa coleta pegamos os aparelhos disponíveis no Campus A.C. Simões, local onde eles estudavam na época que realizaram a pesquisa. É mencionado também que parte do corpus deles foi parte do *Projeto de Documentação da língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô)*, que foi um projeto financiado pelo CNPq, Edital MCT/CNPq N. 014/2010-Universal, Processo N° 435763/2010-6), cujo propósito era a criação de um banco de dados da língua Yaathe, assim como a preservação e manutenção da língua.

³ International Phonetic Alphabet – Alfabeto Fonético Internacional

3 A LÍNGUA YAATHE

A língua Yaathe, como mencionado anteriormente no Capítulo 1, é a única língua indígena do Nordeste que sobreviveu após mais de 500 anos da invasão de Portugal no Brasil. Ela é falada pelos Fulni-ô, indígenas que tem sua aldeia localizada no município de Águas Belas no estado de Pernambuco. É a língua mãe de seu povo e já foi estudada por vários pesquisadores, entre alguns desses estudos temos Costa (1999), Cabral (2009), Silva (2011), Silva (2016) e Dias (2017) que são pesquisas que utilizaremos neste terceiro Capítulo, onde faremos uma breve revisão bibliográfica sobre alguns aspectos do funcionamento linguístico desta língua.

Concernente a estes aspectos falaremos primeiramente sobre os sons consonantais e vocálicos encontrados na língua. O intuito é trazer um quadro fonético e fonológico destes sons, podendo apresentar alguns exemplos de suas realizações, para que possamos ter uma ideia maior sobre os sons que nos interessará mais à frente. Outros pontos que também são importantes e serão trazidos aqui, pois contribuem amplamente em nosso estudo, é uma breve revisão sobre a sílaba, o acento e a nasalização de vogais no Yaathe. Sobre a sílaba o intuito é falar sobre quais sons são possíveis nas posições de onset, núcleo e coda, assim como também falar sobre o padrão silábico da língua, pois na análise iremos observar as sílabas para ver o ambiente em que nosso objeto de estudo se encontra. Já sobre o acento o propósito é falar sobre os padrões de acentuação da língua, já que gostaríamos de saber a acentuação influência de alguma forma as vogais nasais antes de consoantes orais. E para finalizar o capítulo, considerando que falaremos sobre vogais nasais, traremos uma subseção falando sobre a nasalização no Yaathe. Como dividimos os assuntos deste capítulo em quatro pontos, teremos assim 4 subseções.

3.1 Os fones e fonemas do Yaathe

Nos trabalhos que são o suporte para esta subseção encontramos quadros fonológicos apresentando os fonemas consonantais e vocálicos em Costa (1999), Silva (2011) e Silva (2016). Utilizaremos os quadros encontrados nessa pesquisa, assim como algumas das interpretações feitas por essas pesquisadoras para que possamos apresentar esses dados aos leitores desse trabalho.

As autoras mencionadas destacam que no Yaathe, depois de suas pesquisas e análises foi possível encontrar um quadro fonológico com um total de 33 fonemas, elas ainda ressaltam que 21 desses fonemas são consonantais e 12 deles são vocálicos. Quanto à suas realizações, Silva, (2011) evidencia que, à grosso modo, ela encontrou 57 realizações diferentes desses fonemas, onde 33 dessas realizações são consonantais e 24 vocálicas.

Sobre as realizações dos fones consonantais, Costa (1999) aponta que, “a maior parte das consoantes simples do Yaathe são produzidas basicamente da mesma forma que suas equivalentes em Português” (p. 23). Ela ainda destaca que coloca como consoantes simples os sons que não tem nenhuma complexidade em sua realização.

Traremos primeiramente os quadros apresentados por Silva (2011) onde ela apresenta as realizações dos fones consonantais do Yaathe na Figura 1.

QUADRO 1	Pontos de articulação							
	Labiais		Alveolares		Palatais		Dorsais	Glotais
	surda	sonora	surda	sonora	surda	sonora	surda	surda
Oclusivas	p		t	d			k	
Oclusivas labializadas			t^w	d^w			k^w	
Oclusivas palatalizadas			t^j	d^j			k^j	
Oclusivas aspiradas	p^h		t^h				k^h	
Fricativas	f		s	z	ʃ			h
Fricativa labializada	f^w							
Africadas			ts		tʃ	dʒ		
Africadas labializadas					tʃ^w	dʒ^w		
Africadas aspiradas			ts^h		tʃ^h			
Nasais		m		n				
Laterais				l		ʎ		
Lateral labializada				l^w				
Aproximantes		w				y		

Figura 01: Quadro fonético consonantal do Yaathe

Fonte: Silva, 2011, p. 25.

Através desse quadro já podemos perceber a presença do que Costa (1999) chama de sons simples, ou seja, sons que não possuem nenhuma articulação secundária como [p], [t], [d], [k], [m], [n], [f], [s], [z], [ts], [tʃ], [dʒ], [l], [ʎ], [w], [j], [h].

- 1) [tupia] “negro”
- 2) [tʃilɪfi] “bonito”
- 3) [ja:dēdō:kʎa] “menina”
- 4) [ãtūtĩma] “antes de ontem”

- 5) [senẽkʲa] “história”
- 6) [i kakzaawa] “eu estou bem, felizmente”
- 7) [fale] “pato”
- 8) [edʒo] “gênio”
- 9) [utʃi] “carne”
- 10) [awtoa] “aqueles”
- 11) [dʒokahe] “eu irei”
- 12) [setsɫajho] “anu”

Também podemos notar os sons que possuem uma complexidade em suas realizações, em outras palavras, sons que possuem uma articulação secundária em sua realização, o primeiro caso que destacaremos aqui são os fones produzidos com uma labialização, que “consiste no arredondamento dos lábios durante a produção de um segmento consonantal” (SILVA, 2015, p.35), sendo eles os [tʷ], [dʷ], [kʷ], [fʷ], [tʃʷ], [dʒʷ], [lʷ].

- 13) [luʃ^ə tut^wa] “urubu”
- 14) [esed^wa] “o que está dançando”
- 15) [tət^hk^wa] “secar”
- 16) [laf^wa] “fraco”
- 17) [i tfetʃ^wa] “meu padrasto”
- 18) [ewlidʒ^wa] “cheio”
- 19) [atʃ^ha] “remédio”
- 20) [tʃ^hol^wa] “quente”

Outra articulação secundária encontrada é a palatalização que “consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro” (SILVA, 2015, p. 35), dentre estes sons temos os seguintes no Yaathe: [tʲ], [dʲ], [kʲ].

- 21) [saʰakʲa] “falar”
- 22) [e tʃ^əd ʲaka] “chegar logo”
- 23) [tɛ:kitʲakka] “ele quer tirar”

Por último também vemos as aspiradas, onde “as cordas vocais permanecem amplamente abertas depois da soltura das plosivas e na articulação inicial do próximo segmento” (DAVENPORT E HANNAHS, 1998, p. 22. tradução nossa), dentre esses sons temos: [p^h], [t^h], [k^h], [tʃ^h].

- 24) [it^holo] “cachorro”
 25) [se:tok^hka] “passarinho”
 26) [p^hɔ:neka] “furar”

Como já mencionamos, os sons apresentados acima foram os fones do Yaathe, ou seja, todos as realizações dos sons consonantais encontrados na fala dos Fulni-ô, mas como sabemos nem todo fone é um fonema, Silva (2015) sobre isso aponta que uma unidade sonora só é fonema caso ela tenha uma funcionalidade diferente das outras unidades sonoras da língua, e pensando no Yaathe, como já foi destacado, foi encontrado 33 fonemas consonantais, podemos vê-los logo mais abaixo na Figura 2. Esses sons foram considerados fonemas pois as autoras mencionadas anteriormente encontraram seus pares mínimos (ou análogos) na língua.

QUADRO 1	Labial		Coronal				Dorsal		Glotal
			+ant		-ant				
		asp		asp		asp		asp	
Não-Contínuas	p	p ^h	t	d	t ^h			k	k ^h
Fricativas	f		s		ʃ				h
Africadas			ts		tʃ	dʒ	tʃ ^h		
Nasais	m		n						
Laterais			l		ʎ				
Aproximantes	w				j				

Figura 2: Quadro fonológico consonantal
Fonte: Silva, 2016, p. 12.

Em relação às vogais, as autoras apresentam os seguintes quadros, traremos agora as Figura 3 e Figura 4:

QUADRO 2	Anteriores				Centrais				Posteriores			
	orais		nasais		orais		nasais		orais		nasais	
Altas	i	i:	ĩ	ĩ:					u	u:	ũ	ũ:
Médias altas	e	e:	ẽ	ẽ:					o	o:	õ	õ:
Médias baixas	ɛ	ɛ:							ɔ	ɔ:		
Baixas					a	a	ã	ã:				

Figura 3: Quadro Fonético vocálico
Fonte: Silva, 2011, p. 25.

QUADRO 2	Labial		Coronal		Dorsal	
	-longo	+longo	-longo	+longo	-longo	+longo
Aberto 1	u	u:	i	i:		
Aberto 2	o	o:	e	e:		
aberto 3	ɔ		ɛ		a	a:

Figura 4: Quadro Fonológico vocálico

Fonte: Silva, 2016, p. 13.

Sobre os sons vocálicos, um dos primeiros pontos que observamos é que apesar de suas muitas realizações, doze deles não são considerados fonemas, entre eles, temos então [ĩ:], [ĩ], [ê:], [ê], [ɛ:], [ã:], [ã], [ũ:], [u:], [õ:], [õ], [ɔ:].

Sobre a pronúncia de todas as realizações vocálicas, Costa (1999) aponta que eles não possuem distinções notáveis em relação as realizações desses sons em Português. Ela ainda adiciona que “os traços principais – [labial], [coronal], [dorsal], [alto] e [baixo] correspondem aos traços do português. A língua não apresenta uma terceira distinção – [tenso] – comumente encontrada nas línguas indígenas brasileiras pertencentes ao tronco Macro-jê.” (COSTA, 1999, p. 27). Sobre a posição desses sons, a autora aponta que eles são encontrados em todas as posições, ou seja, posição inicial, posição medial e posição final, ela ainda destaca que a posição medial é uma posição ótima para construir o quadro de fonemas vocálicos por conta do grande número de exemplos encontrados e também porque a autora conseguiu encontrar realizações de todos os sons vocálicos nessa posição.

Alguns exemplos das realizações desses sons colocaremos logo mais abaixo. Optaremos aqui por exemplos em uma descrição fonética, pois é o formato que mais usaremos em nossa análise.

- 27) [i] [luʃiʃa] “rato”
 28) [i:] [tʃi:ka] “calango”
 29) [ĩ] [ũtĩma] “ontem”
 30) [ĩ:] [e lik i:kʲa] “tomar banho”
 31) [e] [tʃakʰahete] “antes de acordar”
 32) [e:] [e:sonekʰkãne] “irmãzinha”
 33) [ê] [ehêneʃi] “enterre” ou “plante”
 34) [ê:] [sê:nê:kʲa] “coisa, história”
 35) [ɛ] [tʃatʃle'a] “bebê”

- 36) [ɛ:] [k^hɛ:leka] “ombro”
 37) [u] [safuni'se] “espelho”
 38) [u:] [ku:i] “peito”
 39) [ũ] [ãtũtĩma] “antes de ontem”
 40) [ũ:] [t^hlʉt^hlũ:k^ja] “criar obstáculos”
 41) [o] [e:sok^hka] “irmãozinho”
 42) [o:] [o:ja] “água”
 43) [õ] [saenõka] “atravessar”
 44) [õ:] [ja:dẽdõ:k^ja] “menina”
 45) [ɔ] [kɔ^hsa] “porta”
 46) [ɔ:] [k^hɔ:ka] “pescoço”
 47) [a] [dok^ja] “panela”
 48) [a:] [e na:ka] “ver”
 49) [ã] [ã'hã] “sim”
 50) [ã:] [i fikã:k^ja] “eu fico”

Sobre processos fonológicos que ocorrem com as vogais, Silva (2016) destaca os seguintes: i) Alongamento compensatório ii) Nasalização iii) Elisão de vogal e iv) harmonia vocálica.

Para entender melhor a autora explica que o alongamento compensatório ocorre pois houve o apagamento de algum som consonantal, ela destacou o /h/ nesse ponto, ou então porque houve o apagamento de um morfema ou até mesmo “uma sílaba é apagada em posição medial de palavra ou na fronteira entre uma palavra e uma posposição” (SILVA, 2016, p. 15). Sobre a nasalização, é justamente o que ocorre em relação a todo processo de nasalização, uma vogal antes de uma consoante nasal, nasaliza-se. Sobre os demais processos Silva (2016, p. 16) fala que “vogais são elididas em fronteiras de morfemas e de palavras” e “a vogal do morfema de gênero feminino /-sV/, não especificada, assimila todos os traços da vogal da sílaba precedente.”

3.2 A sílaba no Yaathe

Como sabemos, sílabas são constituídas de vogais e consoantes, Goldsmith (1996), falando sobre a estrutura interna da sílaba, fala sobre um modelo que é o que utilizaremos aqui. Para este modelo, ele aponta que na sílaba temos três elementos, sendo eles, primeiramente o

onset, que será constituído por consoantes, mas que não é uma posição obrigatória. Logo após temos a rima, onde teremos o núcleo que é composto por uma vogal e a coda. O núcleo, a ser preenchido por V é um elemento obrigatório na sílaba, enquanto que a coda, preenchida por uma consoante é um elemento opcional na sílaba.

Silva (2016) aponta que no Yaathe, o padrão silábico é (C) (C) V (C), porém outras sequências também são possíveis, tais como: V, CV, VC, CVC, CCV e CCVC. Ou seja, temos que a sílaba mínima será V, assim como também temos a possibilidade de termos C₁, C₂ e C₃ na constituição da sílaba, em outras palavras, escritas por Costa (1999) “o onset silábico suporta até duas posições, enquanto que há apenas uma posição a ser preenchida na coda.” A autora também aponta que a sílaba ótima é: CV.

Sobre os sons que cada posição da sílaba suporta, ambas pesquisadoras do Yaathe mencionadas nessa subseção, falam que todos os fonemas vocálicos podem ocupar a posição V. Se a sílaba for CV então também todos os fonemas consonantais podem preencher C, porém se tratando das outras possibilidades de sílaba, para a posição de C₁, C₂ e C₃ há algumas restrições, sendo elas as seguintes:

Quadro 1 – Fonemas aceitos na posição C

QUADRO 1	
Posição na sílaba	Fonemas aceitos na posição
C ₁	/t, t ^h , k, k ^h , d, f, s, ʃ, ts, tʃ, tʃ ^h , m/
C ₂	/t, d, t ^h , k, f, s, ts, m, n, l/
C ₃	/k, s, ʃ, h, ts, m, l, w, j /

Para finalizar esta subseção, temos mais uma última restrição no que concerne à sílaba. Silva (2016) traz que caso o núcleo seja composto por V: então não há a possibilidade da existência de mais uma consoante na posição de coda.

3.3 O acento no Yaathe

Afim de iniciarmos esta subseção precisamos lembrar que a o acento está relacionado com a força ou a intensidade com que uma sílaba pode ser pronunciada, ou seja, a tonicidade da sílaba (HAYES, 2009). O autor também comenta que para identificar o acento, devemos também observar os efeitos que são causados aos segmentos. Continuando sobre esse assunto,

o autor aponta que tirando as exceções que há na língua, cada palavra tem um ponto de ênfase, ou seja, toda palavra tem um acento, ele nomeia isto de *principle of culminativity*, para ele toda palavra tem o acento porque cada palavra “culminaria” na sílaba tônica.

Para falar sobre o acento no Yaathe, Cabral (2009) olhou para três tipos de palavras: palavras de uma sílaba, palavras de duas sílabas e palavras de três sílabas.

Sobre as palavras de uma sílaba o autor aponta que “apesar de poderem ser fisicamente medidos, são, metodologicamente inclassificáveis [...] uma vez que sua categorização depende diretamente de podermos comparar uma sílaba com a outra” (CABRAL, 2009, p. 29). Ele não descarta que talvez, inserido em um contexto maior que o lexical, essas palavras tenham acentuação mais proeminente, porém como não era o intuito de seu trabalho ele não poderia iniciar aquela discussão. Exemplos dessa situação podemos ver em:

51) [te] “frente”

52) [si] “avó”

Considerando agora as palavras de duas sílabas, o autor comenta que já foi possível identificar o acento, as palavras foram divididas em duas categorias, sendo elas oxítonas e paroxítonas e foi possível encontrar ambas formas no Yaathe, para essa categoria ele aponta que “a duração e a intensidade são os correlatos que determinam a aplicação acentual” (CABRAL, 2009, p. 38). Algo que o autor também aponta é que a quantidade de palavras oxítonas encontradas é superior a quantidade de palavras paroxítonas. Temos então:

53) ['na.to] “mel”

54) ['ã.ki'a] “novidade”

55) [sa.'ka] “instrumento”

56) [it.'fe] “pai”

E por fim, temos as palavras de três sílabas. Em relação à essas palavras o autor comenta que, no corpus levantado por ele, houve a definição de um padrão paroxítono e um padrão oxítono, pois de todas as palavras encontradas por ele, somente uma delas teve sua acentuação na terceira sílaba, contando da direita para a esquerda. Então com isso ele propõe, com as evidências que possui que no Yaathe predomina-se as palavras oxítonas, pois nesses dois últimos grupos, essa acentuação foi a que mais ocorreu. Exemplos desses trissílabos paroxítonos e oxítonos são, respectivamente:

57) [se.'tsõ:.ki'a] “índia”

58) [se.tse. 'ne.he] “cidade”

3.4 A nasalização em Yaathe

Sobre a realização dos sons nasais, mencionamos no Capítulo 2 que eles são produzidos com o abaixamento do véu palatino, permitindo assim, na produção do som, que a corrente de ar agressiva passe tanto pela cavidade oral, quanto pela cavidade nasal.

Pensando nos sons nasais do Yaathe, se olharmos para as figuras 1 (p.24) e 2 (p. 26) apresentadas neste capítulo, vemos que os únicos sons nasais consonantais encontrados na língua são /m/ e /n/. Sobre o /m/, Dias (2017) aponta que ele pode ser encontrado em posição de *onset* (59) e *coda* (60), no início (59) e meio de palavras (61), em sílabas acentuadas (61) ou não (59-61), a única restrição é que ele não ocorre em final de palavra. E se observamos os estudos de Silva (2011) e os quadro 1 que trouxemos mais acima, o /m/ é o único fonema nasal da língua que ocorre na posição de *coda* silábica.

59) [ma. 'dʒõ:.kja] “morcego”

60) [mum.ni. 'ka] “esfregar”

61) [tʰo:.mã. 'mã.kja] “espantar”

Falando agora sobre o /n/ e suas realizações, a autora aponta que este som pode ocorrer na posição de *onset* (62), e não se realiza em posição de *coda*. Sobre suas realizações na palavra, o /n/ ocorre em posição inicial (62) e medial de palavra (63), e sobre a acentuação, ele ocorre tanto em sílabas acentuadas (63) e não acentuadas (62). Assim como o /m/ ele não ocorre em final de palavra.

62) [nã.ne. 'ka] “mostrar”

63) [to:. 'nã] “coisa, objeto”

Sabe-se que algo muito comum em contextos fonéticos é o processo de assimilação. Esse é uma situação, onde segundo Davenport and Hannahs (1998), um som é influenciado por um som vizinho, por exemplo, uma vogal que inicialmente seria uma vogal oral pegaria para si o traço nasal por estar ao lado de um som nasal, ou seja, a vogal assimila o traço [+nasal]. Sobre as regras de assimilação no Yaathe, Dias (2017) aponta que se observarmos o traço nasal de /m/, percebemos que ele não será assimilado pelo segmento vocálico se ele ocorrer em posição de *coda* silábica, somente ocorrerá se o som estiver em posição de *onset*.

64) ['mũ.mja] “vara, graveto”

65) [mum.ni.'ka] “*esfregar*”

Enquanto que o com o /n/ o traço [+nasal] é assimilado pela vogal que o precede, sendo que o /n/ ocorre na sílaba que segue a sílaba em que a vogal nasalizada está.

66) ['tkã.no] “*dois*”

67) [kã.ne.wa] “*casal*”

Já se observamos as figuras que trazem os quadros dos sons vocálicos, sendo elas as 3 (p. 26) e 4 (p.27), notamos que os sons vocálicos nasais existem, mas as pesquisas apontam que eles são somente realizações fonéticas. Dias (2017) aponta que isso ocorre pois não foi possível encontrar nenhum par mínimo, par análogo ou distribuição complementar na língua, e como a identificação de fonemas é através desses processos, os sons nasais vocálicos são considerados somente realizações fonéticas.

Sobre a nasalização de vogais, a autora comenta que elas possuem os mesmos traços das vogais orais, a única diferença é que é acrescida à vogal o traço [+nasal]. Outro ponto destacado pela pesquisadora é o processo de nasalização regressiva, ou seja, a nasalização da vogal vem do traço [+nasal] do /m/ e /n/ que está após a vogal, a exemplo disso podemos ver (68) e (69), onde vemos o acréscimo de /-ne/ morfema para indicar o feminino na língua Yaathe.

68) [wa'le] “*porco*”

69) [wa'lêne] “*porca*”

Costa (1999) ao falar sobre vogais nasais aponta que elas estão em distribuição complementar com as orais correspondentes, algo que podemos verificar também na figura 3 (p. 26). Outra afirmação é que elas apareceriam somente próximas às consoantes nasais [m] e [n], passando assim por um processo de nasalização (70) e (71) ou em um ambiente em que esses sons foram elididos por um processo morfofonológico em (72) e (73) que pode ser visto um pouco abaixo, sendo ele o alongamento compensatório.

70) [tõnate] “*quanto?*”

71) [ãni] “*então*”

No Yaathe, a pesquisadora aponta que

nessa língua, o alongamento compensatório parece dar-se por três causas: 1. o preenchimento de uma posição deixada livre na coda por uma consoante que cai, desde que a natureza desse segmento não permite sua adjunção a uma coda silábica. [...] 2. o preenchimento de uma posição deixada vazia,

simplesmente, por uma consoante que cai. [...] 3. o alongamento de vogal da sílaba precedente por queda de vogal e fusão de traços. (COSTA, 1999, p. 68)

No tocante às vogais nasais que aparentemente não estão em um contexto em que poderiam estar assimilando o traço [+nasal], a autora aponta que então teríamos um alongamento compensatório por queda de /n/, onde teríamos uma sílaba CV em que C é uma consoante nasal, que foi elidida pelo tempo deixando para trás somente o traço [+nasal], alongando e/ou nasalizando a vogal que se encontrava na sílaba anterior. Esse exemplo, pode ser visto em (70) e (71).

72) /e+feeto+ne+ho/	→	[efeetô:ho]	“que trabalha”
73) /e walaka-ne-ka/	→	[e walakã:kja]	“zombar”

Se observarmos os exemplos (70) e (71) vê-se que as vogais além de serem realizadas como nasais, também são vogais longas, sobre esse processo Costa (1999) aponta que isso acontece justamente por terem sido criadas pelo apagamento da nasal sufixo /-ne/.

4 AS VOGAIS NASAIS DIANTE DE CONSOANTES ORAIS

Sabemos que os segmentos nasais são produzidos com o abaixamento do véu palatino, essa condição física permite que o ar, vindo dos pulmões, passe tanto pela cavidade oral, quanto nasal. Por conta disso, o som, seja ele uma consoante ou vogal, se forma como um som nasal. Constatamos também que é muito comum que as vogais passem por um processo de nasalização, onde, elas absorvem o traço [+nasal] de uma consoante nasal que se encontra anterior ou posterior à vogal.

Temos que as vogais nasais, sejam elas breves ou longas, estão presentes no Yaathe. Como vimos nos estudos já feitos sobre esta língua indígena brasileira, no Capítulo 3, essas vogais aparecem como realizações fonéticas, todavia, viu-se que elas não poderiam ser consideradas fonemas, por conta da ausência de pares mínimos entre vogais orais e nasais. Costa (1999) salienta que normalmente essas realizações acontecem como nasalização ou alongamento compensatório, ou seja, quando não se encontram antes de consoantes nasais, elas estão em “situações em que uma nasal foi elidida por um processo morfofonológico” (COSTA, 1999).

Agora, para começar nossa caminhada em direção ao fim do trabalho, trazemos aqui uma discussão para falar sobre o ambiente de realização das vogais nasais diante de consoantes orais.

4.1 A realização das vogais nasais antes de consoantes orais.

No quadro fonético feito por Silva (2011), que pode ser visto na figura 3 (p.26), ela mostra que a realização fonética de vogais nasais alcança as vogais alta anterior nasal, média alta anterior nasal, baixa central nasal, alta posterior nasal e média alta posterior nasal. Encontramos todas essas realizações antes de consoantes orais, como notamos em (74), (75), (76), (77) e (78), respectivamente:

- | | |
|-------------------|---------------------------|
| 74) [ĩ:.t̃o.'a] | “ <i>Mentiroso</i> ” |
| 75) [ẽ.'sĩ:.dowa] | “ <i>profundo</i> ” |
| 76) [ã.tũ.'tĩ.ma] | “ <i>Antes de ontem</i> ” |
| 77) ['ũ.tĩ.ma] | “ <i>Ontem</i> ” |

78) ['fej.tõ.ho] “*Trabalhador*”

Outro ponto que atestamos, é que no Yaathe, as vogais nasais antes de consoantes orais, podem ocorrer tanto como vogal breve (79) e (80), assim como vogal longa (81) e (82).

79) ['saw.kĩ.kja] “*Tomar banho*”

80) [se. 'tsõ.kja] “*Indía*”

81) [ja:.de. 'dõ:.kja] “*Menina*”

82) ['kã:.kja] “*botar*”

Dias (2017), baseando-se nos estudos de Costa (1999) e como vimos anteriormente no capítulo 3, aponta que para a autora,

as vogais longas nasais são realizações puramente fonéticas, criadas por um processo fonológico que opera nasalizando e alongando compensatoriamente uma vogal. Esse tipo de alongamento serve para compensar a unidade de tempo do elemento que foi elidido, basicamente o morfema que deriva verbos a partir de nomes e adjetivos /-ne/. (DIAS, 2017, p. 22)

Sobre as realizações das vogais nasais breves ou longas, algo que pudemos verificar, é que há realizações de todas as vogais nasais disponíveis no repertório da língua, tanto como breve quanto longa antes de consoantes orais, assim temos: vogal alta anterior breve nasal (79) aqui repetido como (83), vogal alta anterior longa nasal (84), vogal média alta anterior breve nasal (75) repetido como (85), vogal média alta anterior longa nasal (86), vogal baixa central breve nasal (76) aqui como (87), vogal baixa central longa nasal (88), vogal alta posterior breve nasal (87), vogal alta posterior longa nasal (89), vogal média alta posterior breve nasal (90) e por fim, a vogal média alta posterior longa nasal (91).

83) ['saw.kĩ.kja] “*tomar banho*”

84) [ĩ:.tõ.'a] “*mentiroso*”

85) [ẽ. 'sĩ:.dowa] “*profundo*”

86) [i fõẽ: 'kã:kja o 'wa 'fuli ke] “*eu ainda pesco neste rio*”

87) [ã.tũ. 'tĩ.ma] “*antes de ontem*”

- 88) [se'kã:ho] “*médico*”
 89) [tʰlu. 'tʰlũ:.kja] “*criar obstáculos*”
 90) [fej. 'tõ.kja] “*trabalhar*”
 91) [e. 'tʰlõ:.ho] “*firme, seguro*”

No que concerne a posição dessas realizações nas palavras, evidenciamos que eles são possíveis em posição inicial (92) e (93) e medial (94) e (95), como os exemplos nos mostram:

- 92) [ã.'hã] “*Sim*”
 93) [ẽ.'hẽ] “*olhe*”
 94) ['fej.tõ:.se] “*onde trabalha*”
 95) [eh.dã:.ho] “*o que espanca*”

Já no tocante à sílaba, encontramos essas realizações estudadas nos seguintes tipos de sílaba: V (96) e (97), CV (98) e (99), e por fim CCV em (100), vemos também que a consoante oral sempre vem na sílaba posterior à vogal nasal, nunca na mesma sílaba.

- 96) ['ã:.kja] “*estória*”
 97) [ĩ:.kja] “*rato*”
 98) ['kĩ.kja] “*sentar*”
 99) [e.'tʰõ:.kja] “*trazer*”
 100) [ta'.ksã:.kja. i.'tʰlo] “*o cachorro é dele*”

Se observarmos esses exemplos acima, e as palavras dos exemplos (74) a (100) perceberemos que essas vogais nasais em estudo acontecem em maior número na sílaba CV, o que nos leva a compreender que esse é o padrão mais comum para esse tipo de realização, seguindo dessa maneira o que foi apontado por Silva (2011), de que CV é a sílaba ótima no Yaathe.

Acerca do acento, como comentamos no Capítulo 3, Cabral (2009) concluiu que o padrão no Yaathe é de palavras paroxítonas e oxítonas, onde o acento na primeira sílaba da direita para esquerda é a mais frequente, ou seja, as oxítonas ocorrem com mais frequência. Algumas realizações proparoxítonas também foram encontradas, porém em menor número.

Para esse ponto, olharemos apenas para as palavras que selecionamos para esse capítulo, deixaremos as sentenças de fora deste momento. Para melhor visualizar essas palavras, colocamos duas tabelas que podem ser vistas a seguir, assim, teremos a tabela onde veremos palavras paroxítonas (TABELA 2) e outra para vermos as palavras oxítonas (TABELA 3).

TABELA 2		Palavras paroxítonas que possuem vogais nasais antes de consoantes orais	
Yaathe	Português	Acento	
[ã.tũ.'tĩ.ma]	Antes de ontem	Paroxítona	
[ja:.de.'dõ:.k'ia]	Menina	Paroxítona	
[ma.'dʒõ:.k'ia]	Morcego	Paroxítona	
[se.'tsõ.k'ia]	Índia	Paroxítona	
['kĩ.k'ia]	Sentar	Paroxítona	
[ẽ.'sĩ:.dowa]	Profundo	Paroxítona	
['kã:.k'ia]	Botar	Paroxítona	
[te.tʃi.'dʒõ:k'ia]	Satisfeito	Paroxítona	
[ũ.'tĩ.ma]	Ontem	Paroxítona	
[sal.'kĩ.k'ia]	Tomar banho	Paroxítona	
[fej.'tõ.k'ia]	Trabalhar	Paroxítona	
['fej.'tõ.ho]	Trabalhador	Paroxítona	
[e.'tʃõ:.k'ia]	Trazer	Paroxítona	

TABELA 3		Palavras oxítonas que possuem vogais nasais antes de consoantes orais	
Yaathe	Português	Acento	
[ã.'hã]	Sim	Oxítonas	
[ĩ:.tʃo'a]	Mentiroso	Oxítonas	

Observando as tabelas, vemos que o padrão do acento para a realização de vogais nasais antes de consoantes orais é o paroxítono. Conseguimos encontrar em nossos dados duas realizações oxítonas, porém as paroxítonas constituem quase que todo o repertório. Cabral (2009) colocou tanto realizações oxítonas, quanto paroxítonas como o padrão acentual no Yaathe, sendo realização de palavras oxítonas o padrão principal, por ter encontrado um maior número de palavras com este acento. Todavia, no que tocante a palavras que possuem a realização estudada aqui, vemos que o padrão seria realmente de palavras paroxítonas.

É possível notar também, que a maior parte das realizações das vogais nasais antes de consoantes orais se encontram na penúltima sílaba da palavra, independentemente da posição do acento nela, porém, como encontramos as paroxítonas como o padrão, podemos supor que a nasalização dessas vogais influencia na acentuação da palavra.

Sobre a realizações das palavras oxítonas, onde encontramos somente duas palavras no nosso corpus⁴, queríamos destacar que o mesmo não consta com muitas palavras por conta da natureza deste trabalho, então podemos imaginar que em um corpus maior, encontraríamos mais palavras oxítonas.

Por fim, no que concerne as palavras proparoxítonas, não encontramos nenhum exemplo desta realização, isso vai de encontro ao que Cabral (2009) apontou, a diferença é que ele encontrou um número muito pequeno deste acento no Yaathe, e nas palavras que estudamos este acento foi inexistente.

⁴ Não colocamos o exemplo (94) na tabela por se tratar de uma frase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho de pesquisa, procuramos analisar e descrever o ambiente de realização das vogais nasais diante de consoantes orais no Yaathe, buscando então, compreender quais sons eram possíveis encontrar, em que tipo de sílaba eles se encontravam e como o acento se comportava nas palavras que possuíam esse tipo de realização, tendo desta maneira, um olhar da linguística descritiva e linguística funcionalista. Temos assim, uma pesquisa relevante pois os povos indígenas brasileiros sofreram, e ainda sofrem um processo que procura apagar seus povos e suas culturas. Essa constatação é provada na infeliz realidade, onde há mais ou menos 500 anos atrás encontrava-se cerca de 1,2 mil línguas indígenas faladas no Brasil e hoje, somente por volta de 181 línguas indígenas sobrevivem, sendo ainda que todas elas passam por um perigo de extinção devido ao número de falantes, fora outros muitos fatores que a história nos mostra.

Portanto, temos nestes trabalhos uma forma de primeiro, auxiliar estudos que ajudam no ensino da língua a seus falantes, como por exemplo, o auxílio na criação de material didático, assim como também pode ser usado para a preservação da língua, criando um banco de dados com informações preciosas.

Após os capítulos de revisão bibliográfica necessários para a constituição do nosso trabalho, tivemos então, a oportunidade de fazermos a nossa análise. Sobre as vogais nasais, já sabíamos de pesquisas anterior da existência das vogais alta anterior, média alta anterior, baixa central, alta posterior e média alta posterior, sendo que todos esses sons ocorrem como sons nasais e nasais longos. Diante da realização que procurávamos, encontramos a realização de cada um desses sons, todas as vogais nasais, breves ou longas ocorrem antes de consoantes orais.

Outro ponto que podemos apontar sobre essa realização, é que ela foi encontrada em posição inicial e medial. E em sílabas do tipo V, CV e CVV. Sendo que a consoante oral e vogal nasal nunca estão na mesma sílaba, esse tipo de realização sempre traz a consoante na sílaba posterior. Analisando todas as palavras selecionadas para este trabalho, viu-se que o padrão silábico para a presença da vogal nasal será o CV.

Olhando para o nosso último ponto de análise viu-se que o padrão acentual nas palavras onde encontramos as vogais nasais diante de consoantes orais é o paroxítono. Sabemos que estudos anteriores apontaram que o padrão principal no Yaathe seria o oxítono, porém para essa

realização o acento na penúltima sílaba foi o que prevaleceu. Percebemos ainda que o aparecimento dessas vogais nasais, em uma grande maioria, ocorre justamente na sílaba acentuada. Existe o aparecimento delas em sílabas não acentuadas, só que em menor número.

Desse modo, finalizamos nosso trabalho na esperança de que ele possa trazer contribuições para os estudos acadêmicos e também motive trabalhos futuros, de maneira que proporcione mais estudos sobre o funcionamento das línguas indígenas, sejam esses estudos voltados para a fonética, fonologia como o nosso, ou outras partes de estudo como a morfologia, sintaxe e semântica, gerando assim mais conhecimento e respeito sobre os povos indígenas e suas línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, M.A.; REINALDO, M. A. **Análise Linguística afinal, a que se refere?**. São Paulo, Cortez 2013.
- BORBA, F.S. 16 ed. **Introdução aos estudos linguísticos**. Pontes, 2008.
- CABRAL, D. F. **O acento lexical em Yaathe**. 110 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- CAGLIRARI, G. M.; CAGLIARI, L.C. Fonética in. **Introdução a Linguística domínios e fronteiras**. / Gernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs) – 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CASTILHO, A.T. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: **Novas tendências teóricas**. org. Edson Rosa de Souza São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, J. F. **Ya:thê, a última língua nativa do nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos**. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999
- DAVENPORT, M.; HANNAHS, S.J. **Introducing Phonetics and Phonology**. New York: Arnold, 1998.
- DIAS, C.S. **A função e o comportamento do traço nasal em Yathee, língua indígena brasileira**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- GOLDSMITH, J. **The handbook of phonological theory**. Cambridge: Blackwell, 1995
- HAYES, B. **Introductory Phonology**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009
- LAPENDA, G. **Perfil da língua Yatê**. Recife: UFPE, Imprensa Universitária, 1965.
- MORI, Angel Corbera. Fonologia in. **Introdução a Linguística domínios e fronteiras**. Gernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs) – 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- OLIVEIRA, M.; COSTA, J. F.; e FULNI-Ô, F. Ética em documentação de línguas. In: FRANCISCO, D. J. e SANTANA, L. **Problematizações éticas em pesquisa**. Maceió: Edufal, 2014, p. 103-124.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola. 1986.
- RODRIGUES, A. Línguas Indígenas - 500 anos de descobertas e perdas In.: n 95, **Ciência Hoje**, 2005.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística Geral**. São Paulo, Cultrix, 2012 [1916].
- SILVA, F. **A sílaba em Yaathe**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011

SILVA, F. **A organização prosódica do yaathe, a língua do povo fulni-ô.** Tese de Doutorado - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, T.C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto, 2015.